

Terça-feira, 11 de Fevereiro de 1958

RUBEM BRAGA

FALAÇÃO

PELO menos assim à distância Nikita Khrushchev tem algo de parecido com Harry Truman — o mesmo gênero de tagarelice mordaz de velhos torcedores de futebol em conversa de barbeario.

Outro dia êle deu, como o nosso JK, uma recepção aos intelectuais e artistas, e falou à vontade. Disse que «a natureza otimista e de expressão de vida de nossa arte soviética não agrada aos nossos adversários; agrada-lhes-ia que nossos escritores, compositores e todos os trabalhadores criadores olhassem a vida sombria e ceticamente».

E juntou: «não retrocederemos um passo diante de nossos adversários ideológicos». Falou depois do lançamento dos satélites artificiais como «prova convincente do alto nível de desenvolvimento da ciência e da tecnologia, da indústria, da cultura e da educação soviéticas».

É justo o seu orgulho pelos satélites; mas os satélites não provam tudo — e mesmo, em certos terrenos, não provam coisa alguma. A literatura e as artes plásticas soviéticas mal estão emergindo de um longo período de sujeição e mediocridade tão desesperadores que não há um só escritor ou pintor sério do Ocidente, por mais comunista que seja, que consiga aceitar como válidas, nesse terreno, as «realizações soviéticas».

O pouco de luz que há pouco pôde passar por uma fresta mínima de liberdade mostrou a triste verdade: os melhores valores literários reduzidos ao silêncio ou pervertidos pelo medo ou pela necessidade de bajulação, os possíveis valores da pintura, da escultura e da arquitetura completamente abafados por uma burocracia académica de infecto mau gosto.

Será esse discurso uma indicação de que as cravelhas voltarão a se apertar? Esperemos que seja apenas tagarelice de Khrushchev no seu natural entusiasmo pelos satélites, aliado a uma sólida ignorância a respeito de tudo o que se refere às coisas do espírito. Em todo o caso, todos os velhos burocratas da arte vermelha devem ter respirado com alívio...